

ESTUDO DE CASO**Arte-reabilitação de funções cognitivas: um estudo de atenção e memória em adulto com deficiência intelectual****art rehabilitation of cognitive functions: a study on attention and memory in an adult with intellectual disability**

Iara Simonetti Racy¹
Ana Carmen Nogueira²
Tania Cristina Freire³

Resumo: Baseado na concepção de Vygotsky sobre a deficiência intelectual, que soma o desenvolvimento da pessoa em sua relação com o meio ao fator biológico, este artigo traz um estudo em Arte-reabilitação da atenção e memória com um adulto com deficiência intelectual não alfabetizado. Nos encontros houve atividades de engajamento cognitivo, tais como traçar estratégias de leitura de calendário e fazer releituras das obras **Autorretrato**, **Abaporu** e **Composição**, de Tarsila do Amaral. Os resultados alcançados demonstram que a Arte-reabilitação contribuiu com o processo de aprendizado e com a melhora do desempenho e sugerem reflexões sobre possíveis encaminhamentos para que novas propostas de intervenção em arte possam surgir e contribuir para o reconhecimento de potencialidades, o fortalecimento de funcionalidades e melhor qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual.

Palavras-chave: Arte-reabilitação; atenção; deficiência intelectual; funções cognitivas; memória.

Abstract: Based on Vygotsky's idea of intellectual disability, which adds to the biological factor the relationship of individuals with their environment, this article brings a study on art rehabilitation of attention and memory in an illiterate adult with intellectual disability. Meetings with this individual resorted to cognitive engagement activities such as strategizing calendar's

¹ Pesquisadora; psicóloga, arteterapeuta e arte-reabilitadora; graduada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especialista em Arteterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae e em Arte-reabilitação pelo Instituto Faces em convênio com ArteReab; pós-graduada em Cultura e Meios de Comunicação pelo SEPAC em convênio com a Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4599820343979422>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AATESP 367/1016; e-mail: iara@iarasimonetti.com.br.

² Ana Carmen Nogueira - orientadora do artigo; artista; educadora e arteterapeuta; graduada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado; pós-graduada/especialista em Educação Especial pela UNICID; arteterapeuta pelo Centro Universitário FIEO; mestre e doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2897035663387610>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AATESP 200/11. AATA INTERNACIONAL PROFESSIONAL; e-mail: anacarmenn@gmail.com.

³ Tania Cristina Freire - orientadora da prática clínica; arte educadora; arteterapeuta; arte-reabilitadora; neuropsicopedagoga; mestre em Distúrbios do desenvolvimento pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; especialista em Neuropsicologia pelo Centro de Diagnóstico em Neuropsicologia; graduanda em Psicologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0551025862550400>; filiação à associação de Arteterapia no Brasil ou exterior e número de inscrição: AATESP 053/0305; e-mail: artereab@gmail.com.

reading and rereadings (with different artistic languages) of the works of Tarsila do Amaral “Autorretrato”, “Abaporu” and “Composição”. The achieved results demonstrate improvement in the cognitive functions and point out reflections about possible forwardings in new art intervention proposals, in contributions to potentialities’ acknowledgment, in functionalities strengthening and better quality of life of individuals with intellectual disability.

Keywords: art rehabilitation; cognitive functions; intellectual disability; attention; memory

Introdução

"A arte diz o indizível, exprime o inexprimível, traduz o intraduzível."
Leonardo da Vinci

Neste artigo, trago um estudo de caso realizado como prática clínica na formação de arte-reabilitadores do Instituto Faces em parceria com ArteReab. O objetivo é analisar a contribuição da arte na reabilitação da atenção e memória de um adulto com deficiência intelectual em atendimento domiciliar.

Desde a minha formação na faculdade de Psicologia (1999-2004), tenho como foco o trabalho nas áreas da Gerontologia e da Deficiência Intelectual e o meu maior motivador para essa escolha foi poder ouvir o que as pessoas pertencentes a esses públicos tinham a dizer e como eu poderia ajudá-las no fortalecimento da sua autonomia, do seu protagonismo, das suas habilidades, da sua autoestima e de qualquer outra questão que envolvesse sua individualidade. A partir das relações que criei nos atendimentos, encontrei na arte uma potente ferramenta para expressão de vozes que ecoavam por qualquer parte dos corpos e, assim, auxiliavam a sua escuta.

No geral, as artes, em qualquer circunstância, oferecem meios de realização no sentido de procura de experiências novas e ricas, ampliando o campo dos valores e dando um cunho mais dinâmico à existência individual. (FIGUEIRA, 2021, p. 101)

E foi na intenção de oferecer novas experiências através da arte e de observar como ela poderia impactar na reabilitação cognitiva que cheguei ao Marcelo⁴ para a realização deste trabalho. Marcelo tem 48 anos e tem diagnóstico de deficiência intelectual (CID F.71). Sua mãe informou que sua memória teve um prejuízo significativo no período de isolamento social em consequência da pandemia da Covid-19. Esse dado foi um dos que norteou a intervenção proposta que descrevo mais adiante.

Ainda que estudos mais aprofundados sobre o impacto desse isolamento social estejam em processo, Fonseca, Sganzerla e Enéas (2020, p. 33) afirmam que consequências socioemocionais, cognitivas e de aprendizagem podem deixar marcas

⁴ Nome fictício.

difíceis de apagar, com gaps de desenvolvimento social e acadêmico, com prejuízos ainda desconhecidos.

Diante das consequências apresentadas, acredito na importância do arte-reabilitador para auxiliar no desenvolvimento funcional e na qualidade de vida daqueles que, por qualquer motivo, tiveram algum prejuízo cognitivo. Segundo Francisquetti (2016, p. 29), “a essência da arte reabilitação está no cuidado para tornar a vida das pessoas menos incapacitante e mais digna, mais interessante”.

E é na procura desta essência, de buscar formas para que as deficiências cognitivas não impeçam que as pessoas reconheçam suas habilidades e potencialidades e tenham melhor qualidade de vida, que trago o trabalho realizado.

Fundamentação Teórica

A arte é um exercício experimental de liberdade.
Mário Pedrosa

Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009,

peças com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.

Segundo a Associação Americana de Deficiências Intelectuais e de Desenvolvimento (AAIDD), a deficiência intelectual é uma condição que se origina antes dos 22 anos e é caracterizada por limitações significativas tanto no funcionamento intelectual (capacidade mental geral, como aprendizado, raciocínio, resolução de problemas, entre outros) quanto no comportamento adaptativo. Por comportamento adaptativo entende-se habilidades conceituais (linguagem e alfabetização; conceitos de dinheiro, tempo e número; autodireção), sociais (habilidades interpessoais, responsabilidade social, autoestima, credulidade, ingenuidade, resolução de problemas sociais e a capacidade de seguir regras/obedecer leis e evitar ser vítima) e práticas (atividades da vida diária, habilidades ocupacionais, saúde, viagens/transporte, horários/rotinas, segurança, uso do dinheiro, uso do telefone).

Ainda segundo a AAIDD, as causas podem estar relacionadas a fatores de riscos biomédicos, sociais, comportamentais e educacionais e podem acontecer nos períodos pré, peri ou pós-natal.

Diante dessas informações, para que um diagnóstico seja realizado adequadamente, faz-se essencial uma avaliação cuidadosa que deve envolver uma equipe multidisciplinar e um olhar individualizado e ampliado para as questões médicas, sociais, ambientais, comportamentais, que fazem parte da vida da pessoa.

Em meu trabalho final da especialização em Arteterapia (2016) mencionei a perspectiva teórica de Vygotsky sobre a deficiência e não poderia deixá-lo de fora deste artigo. Para ele, a deficiência não é somente limitação, mas também, potencialidade. A superação das dificuldades orgânicas relacionadas à deficiência encontra no desenvolvimento pessoal a compensação, ou seja, através de mediações e interações com o meio, podem ser encontradas e estimuladas habilidades que estejam íntegras e, dessa forma, explorar possibilidades de ser. Coelho, Barroco e Sierra (2011) definem a compensação de Vygotsky como

o processo substitutivo que garante o desenvolvimento, ou seja, quando uma ou mais vias de apreensão do mundo e de expressão não estão íntegras ou não podem ser formadas, o indivíduo pode eleger outras que estejam íntegras. Isto lhe permite estar no mundo e com ele se relacionar. (p. 7)

Uma das formas de minimizar déficits e potencializar a relação consigo e com o mundo pode ser a arte. As linguagens artísticas possuem propriedades e características próprias que dialogam conosco e despertam o nosso corpo físico, emocional, biológico, psicológico, social, mental.

A arte possui um potencial curador. As atividades criativas são estimuladoras de todo sistema cerebral e mobilizam o sujeito por inteiro. Falar, desenhar sobre o sofrimento possui um papel reabilitador. Desenvolve capacidades e potencialidades do indivíduo depois de uma doença ou trauma. (FRANCISQUETTI, 2016, p. 28).

Ao oferecermos espaços de contato e criação com diversas linguagens artísticas às pessoas com deficiência intelectual, oferecemos, também, segundo Figueira (2021, p. 84), a oportunidade de “expressão, autoafirmação, livre exploração, bem como de incentivar a criatividade de cada um, permitindo compartilhar o conhecimento obtido por meio desta experiência”.

É importante ressaltar, assim como afirma Reily (1986), que as atividades propostas devem ser adequadas ao nível motor e à compreensão de quem vai executá-las. Também declara que a repetição pode fortalecer a confiança, pois ao refazer uma atividade, o nível de elaboração e domínio das dificuldades podem aumentar. A repetição de atividades também é importante quando falamos em reabilitação.

A Sociedade Britânica de Medicina de Reabilitação (BSRM) e o Royal College of Physicians (RCP), no reino unido, definem reabilitação como “um processo de mudança ativa pelo qual uma pessoa que se tornou deficiente adquire os conhecimentos e habilidades necessárias para obter melhores condições físicas, psicológicas e de função social” e, em termos de prestação de serviços, isso implica “no uso de todos os meios para minimizar o impacto de condições incapacitantes e ajudar as pessoas com deficiência a alcançar o nível desejado de autonomia e participação na sociedade.” (WILSON, 2020, p. 197)

Na reabilitação cognitiva, que é o foco do estudo aqui apresentado, esse processo pode englobar atividades para melhorar ou prevenir declínios das funções cognitivas. Para este artigo, o meu olhar estará nas funções da memória e da atenção.

A memória, segundo Wilson (2011), é

a habilidade de adquirir, armazenar e evocar informações. Essas são as três etapas necessárias para o sistema de memória funcionar. A aquisição de informações é a *etapa de codificação*, a retenção da informação é a *etapa de armazenamento* e o acesso à informação quando necessário é a *etapa de evocação*. (p. 28 – grifo do autor)

Neste processo vivenciado pela memória, as emoções intensificam a retenção das informações e há algumas habilidades que o auxiliam, tal como a atenção.

A atenção é o fenômeno pelo qual processamos ativamente uma quantidade limitada de informações do enorme montante de informações disponíveis através de nossos sentidos, de nossas memórias armazenadas e de outros processos cognitivos. (STERNBERG, 2000, p. 78)

Recebemos constantemente estímulos externos e internos e cabe a nós organizar e direcionar a atenção a partir dessas percepções dos sentidos. Lima (2005) nos apresenta quatro tipos de atenção: seletiva (privilegia estímulos em detrimento a outros), sustentada (manter o foco em um estímulo por determinado tempo para realizar uma tarefa), alternada (desengajar de um foco para engajar em outro) e dividida (desempenhar mais de uma tarefa simultaneamente).

Alinhando todos os olhares acima citados, a Arte-reabilitação chega como uma potente área de atuação para que possamos trabalhar as demandas específicas de cada pessoa. Francisquetti (2016, p. 42) diz que “é explorando o universo da arte, com as possibilidades do fazer artístico, que podemos desenvolver a cognição.” Vivenciando o processo e a experiência com arte nos conectamos com nossos sentidos, sentimentos, pensamentos, nossas potencialidades e nossa criatividade, reconhecendo, assim, a nossa própria forma de se expressar.

A arte-reabilitação trabalha através de várias formas de expressão artística, desenvolvendo as potencialidades sensório-motoras, perceptivas, cognitivas e simbólicas. A arte favorece ainda a expansão do pensamento, dos sentimentos, dos valores e toma-os patentes, presentes nas formas mais variadas de representação: pintura, música, dramatização, escultura, poesia. (FRANCISQUETTI, 1992, p. 34)

Em todo o trabalho em Arte-reabilitação, devemos atentar ao objetivo das linguagens artísticas escolhidas para o processo para evitar situações frustrantes e desmotivadoras. Elas devem considerar as particularidades de cada pessoa atendida, o que Anauate (2020, p. 493) diz ser “o sentido real do fazer artístico”.

Método

A expressão reta não sonha
Não use o traço acostumado
Manoel de Barros

O estudo de caso qualitativo foi realizado com Marcelo, adulto de 48 anos, não alfabetizado (reconhece as letras e escreve por meio do ditado de cada uma delas), diagnosticado com deficiência intelectual, consequência de falta de oxigenação no parto. Até o momento anterior à pandemia da Covid-19, em março de 2020, Marcelo tinha autonomia e independência para transitar pela cidade de São Paulo sozinho, andava de ônibus, passava o dia em atividades pela cidade. Em decorrência do isolamento social, ele passou a ficar 24h por dia em sua residência. Marcelo trabalha como artesão, faz peças de sisal e de palito de sorvete para vender. Antes da pandemia, também vendia sorvetes pelo bairro.

Em março de 2022, entrei em contato com a mãe de Marcelo que informou que sua memória e percepção estavam alteradas e que passou a escutar vozes frequentemente, o que alterava seu comportamento. Informou, também, que teve prejuízo na organização das encomendas que recebe das peças de sisal e que, diferente do que acontecia antes da pandemia, ele passou a não andar mais sozinho pela cidade, pois essas alterações o deixaram muito dependente.

Diante do quadro apresentado, Marcelo esteve em consultas psiquiátricas e teve algumas alterações em suas medicações durante o processo que vivenciamos. Acredito que este seja um dado importante ao observarmos os resultados, pois interferiu diretamente em seu estado durante os encontros.

Foram realizados 12 encontros entre março e julho de 2022 que tiveram duração entre 1h30 e 2h.

Cabe ressaltar que a proposta inicial - com o uso de alguns jogos cognitivos – foi alterada a partir do 6º encontro, visando maior motivação para a realização das atividades. Optei por inserir Tarsila do Amaral no processo. Pintora brasileira, um dos principais nomes do movimento modernista, apresenta composições com elementos bem destacados e cores fortes em algumas de suas obras, o que possibilitaria direcionamento das atividades com o objetivo de contribuir com a melhora da atenção de Marcelo. As obras escolhidas para o processo possuem uma composição que pode facilitar a percepção das formas e dos elementos ali expressos assim como as cores vivas oferecem contrastes que auxiliam no rastreamento e na localização desses elementos no espaço.

No 1º encontro, foi realizada uma avaliação inicial. Para isso, apliquei o teste de rastreamento cognitivo Miniexame do Estado Mental⁵ (MEEM), que nos indica uma avaliação

⁵ MEEM é o teste mais utilizado para avaliar a função cognitiva por ser rápido (em torno de 10 minutos), de fácil aplicação, não requerendo material específico. Deve ser utilizado como instrumento de rastreamento não substituindo uma avaliação mais detalhada, pois, apesar de avaliar vários domínios (orientação espacial,

prévia de funções como orientação (temporal e espacial), memória, atenção e cálculo, praxia e linguagem. Também foi realizada uma atividade de observação e pintura da obra “Composição com vermelho, amarelo e azul” (MONDRIAN, 1921) para auxiliar no meu olhar clínico. A atividade consistia em observar a obra e pintar um modelo preto e branco conforme as cores apresentadas na versão original. Dessa forma, também poderia indicar uma avaliação prévia de funções e habilidades como a atenção, o rastreo visual, a orientação espacial, a habilidade visuo-perceptiva, a coordenação motora. Apresentou prejuízo na orientação temporal, atenção e memória. As propostas foram pensadas a partir deste rastreamento das funções.

O 2º e 3º encontros tiveram como objetivo compreender e estruturar o calendário de maio/2022 para que Marcelo pudesse organizar melhor a sua rotina. Para isso, ele fez o calendário em cartolina com a minha ajuda (figura 1). Traçamos as linhas, ele escreveu os dias da semana através de um ditado de letras e colocou os dias do mês sem dificuldade. Para que ele pudesse reconhecer as atividades no calendário, escolhemos e colamos em seus respectivos dias algumas imagens que as representassem.

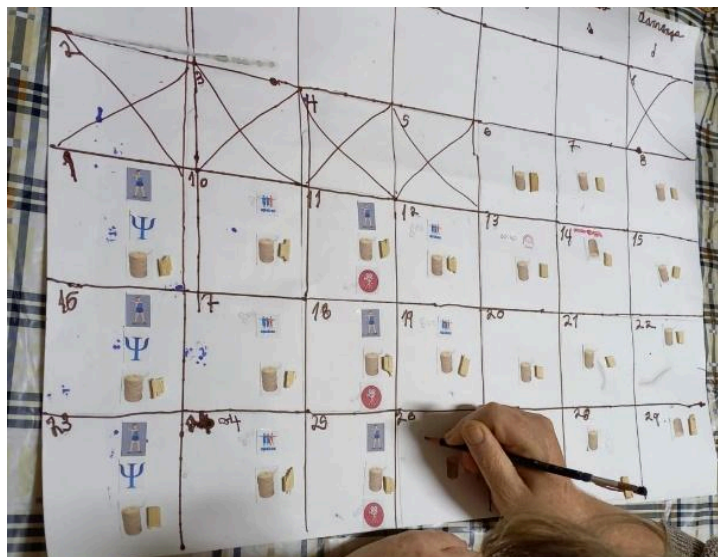


Figura 1. Calendário maio/2022 que Marcelo produziu no 2º e 3º encontros.

Marcelo tem dificuldade em reconhecer os dias do mês no calendário. Elaboramos a estratégia de marcar com um “x” em cada dia ao acordar. Com essa proposta, o objetivo era que conseguisse, por meio das imagens, organizar sua rotina e se localizar no tempo. Fizemos a leitura do calendário em todos os dias de atendimento.

No 3º encontro, Marcelo estava inquieto e se queixando de ardência no rosto. Precisou sair em determinado momento para pedir ajuda à sua mãe.

temporal, memória imediata e de evocação, cálculo, linguagem-nomeação, repetição, compreensão, escrita e cópia de desenho), não serve como teste diagnóstico, mas sim para indicar funções que precisam ser investigadas. É um dos poucos testes validados e adaptados para a população brasileira. Disponível em: <<https://aps.bvs.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

No final do processo, orientei sobre uma atividade para fazer em casa. Dei a ele 6 folhas com 7 quadrados. A atividade era pintar os quadrados de cada folha com a cor correspondente (havia um quadrado já pintado em cada uma delas). Após, recortar os quadrados e guardar em caixas correspondentes (cada caixa tinha sua cor específica permitindo pareamento).

Marcelo repetiu os passos da tarefa e demonstrou agitação no final deste encontro, dizendo que faria tudo naquele momento. Ao tentar explicar que já havíamos feito muitas atividades naquele dia, ele foi gradativamente ficando mais agitado até que saiu com as folhas.

Iniciamos o 4º encontro com a leitura do calendário. Marcelo fez parcialmente as marcações com “x” para identificar os dias do mês, e o restante fizemos juntos para que ele pudesse reforçar estratégias através das imagens.

Após esse processo, solicitei que mostrasse a atividade feita em casa e verifiquei que os quadrados estavam pintados e guardados nas caixas de forma aleatória e desorganizada (reconheceu que estava nervoso quando fez).

Utilizamos 3 cores para fazer a atividade do dia (figura 2): montar uma sequência de 3 linhas e 3 colunas nas quais as cores não podiam se repetir em cada uma delas. Fizemos uma vez juntos, outra vez com a minha ajuda para reforçar o objetivo e ele fez uma vez sozinho. Ao realizar a atividade sozinho, ele não colocou adequadamente a última linha e foi necessário o meu auxílio para reconhecer as cores repetidas.



Figura 2. Atividade de sequência de cores realizada no 4º encontro.

Como tarefa de casa, passei a mesma apresentada anteriormente, porém deixando apenas 3 folhas. Marcelo verbalizou o procedimento, demonstrando saber como executar, e disse que faria com atenção dessa vez.

No 5º encontro, ele deixou de fazer todas as marcações no calendário novamente. Com minha intervenção, foi lembrando a estratégia de identificar o dia do mês através das imagens representadas.

Marcelo não fez a tarefa de casa, então, fizemos juntos. Retomamos o processo (pintar, recortar, colocar nas respectivas caixas) e assim o fez em um ritmo mais lento, porém adequadamente. Durante a execução, apresentava algumas crises de ausência e repetição de movimentos por um longo período durante a pintura.

Na leitura do calendário do 6º encontro, verifiquei que ele havia feito marcação em todos os dias do mês, inclusive os que ainda não vieram. Diante disso, pedi que lembrasse a estratégia e ele respondeu adequadamente e identificou o dia com a minha ajuda.

A partir deste dia, começamos a trabalhar com obras de Tarsila do Amaral inserindo materiais que ele utilizava em seu cotidiano, como palito e sisal, com o objetivo de minimizar a ansiedade diante das atividades e fortalecer a motivação e confiança por serem materiais que ele possui familiaridade. A escolha por Tarsila surgiu a partir da observação das cores vivas, as formas geométricas e dos elementos bem marcados que ela utiliza em algumas de suas obras e que poderiam ser adequadas para a execução de atividades.

Apresentei a artista, a obra “Autorretrato” e a atividade que faríamos: uma pintura no palito de sorvete e ele demonstrou ficar bastante animado.

Essa atividade foi organizada em algumas etapas: juntar os palitos de acordo com o tamanho da imagem, colocar o papel carbono sobre os palitos, colocar a imagem da obra sobre o papel carbono, prender a imagem com fita adesiva para que não saísse do lugar, passar o lápis sobre as linhas da imagem, retirar a imagem e o carbono de cima dos palitos, pintar os palitos com canetinha de acordo com a obra original.

Marcelo foi seguindo as etapas com o auxílio de algumas pistas para lembrar a sequência. Durante o processo, ele apresentou novamente crises de ausência, especialmente na hora da pintura. Então, começamos a fazer pausas para poder retomar com foco no que estava fazendo. Algumas intervenções foram necessárias para identificar a pintura como, por exemplo, “Que cor é o casaco?”, “Que cor é o fundo?”, “Que cor é o cabelo?” Essas perguntas levavam a sua atenção para esses espaços da obra.



Figura 3. Releitura da obra **Autorretrato**, de Tarsila do Amaral, pintada no palito de sorvete por Marcelo.

Ao finalizar (figura 3), ele demonstrou intenso contentamento, dizendo que a pintura estava igual.

No 7º encontro, fizemos o mesmo procedimento realizado no 1º encontro, porém para o calendário de junho. Levei as linhas traçadas na cartolina e Marcelo preencheu os espaços.

Eu o observei bastante confuso, especialmente na hora de escrever os dias da semana. Mantive as pausas entre uma tarefa e outra e esse processo pareceu ajudá-lo. Também fui fazendo junto a colagem das imagens para encorajá-lo.

No 8º encontro, apesar de não ter feito as marcações no calendário, ele mesmo retomou dizendo que, para reconhecer o dia, era preciso marcar com um “x” sempre que acordasse. Disse que o dia de hoje teria a minha foto e, com a minha intervenção, conseguiu identificar.

Na sequência, apresentei a obra **Abaporu** e a proposta de trabalho: reconhecimento da obra, montagem da base em palito, pintura dos elementos da obra impressos em um papel (cacto, sol, corpo), recorte e colagem sobre o palito.

Marcelo fez a base com palitos, atento e cuidadoso com o alinhamento. Durante a pintura, observei novamente uma repetição de movimentos sobre um mesmo espaço por um longo período.

Na colagem, pedi que observasse atentamente a versão original para fazer a montagem no palito. Percebi que já apresentava cansaço e não respondia tanto aos comandos, mas verbalizava o desejo de terminar a tarefa. Ao terminar (figura 4), novamente demonstrou muita satisfação com o resultado.



Figura 4. Releitura da obra **Abaporu**, de Tarsila do Amaral, com colagem de palito de sorvete feita por Marcelo.

No 9º encontro, fui informada que Marcelo precisou tomar uma dose extra da medicação. Na leitura do calendário, observei que, mesmo ainda precisando de minha intervenção, o tempo para chegar à resposta do questionamento “Que dia é hoje?” estava cada vez menor.

A atividade do dia foi passar a obra **Abaporu** para o palito de sorvete, assim como fizemos com a obra **Autorretrato** (6º encontro).

Ao chegar o momento de passar o lápis sobre as linhas da imagem, observei que Marcelo ficava sobre uma mesma linha repetidas vezes. Em determinado momento, ele adormeceu e sugeri que fizéssemos a atividade em outro dia. Ele insistiu em continuar e, por acreditar que uma interrupção naquele momento poderia trazer um sentimento de ansiedade e frustração, optei por acolher o seu desejo em dar continuidade à proposta. Mesmo com o cansaço, manteve-se motivado e ficou contente com o resultado (figura 5).

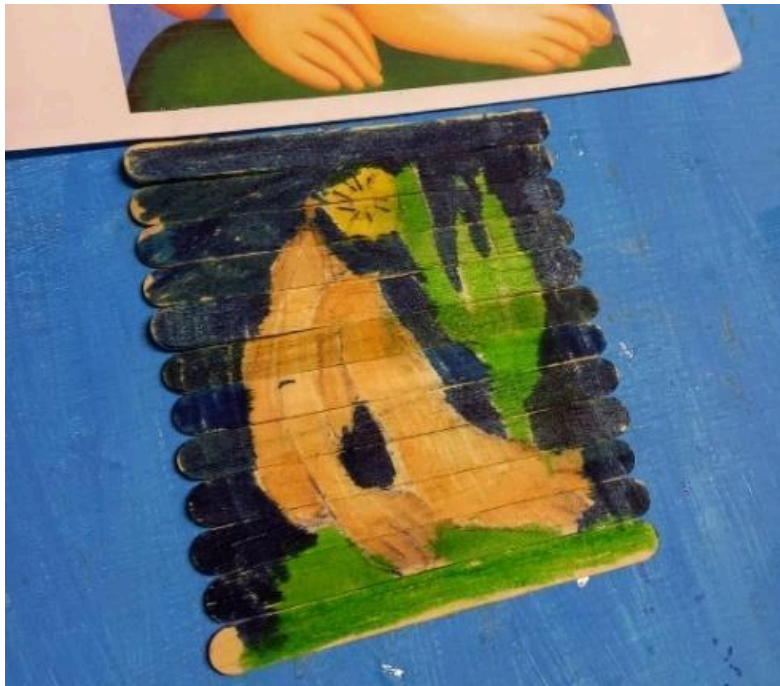


Figura 5. Releitura da obra **Abaporu**, de Tarsila do Amaral, com pintura sobre palito de sorvete feita por Marcelo.

O 10º encontro foi o dia que apresentou maior disposição e atenção durante todo o processo. Na leitura do calendário, logo identificou as minhas fotos e buscava atentamente reconhecer o dia. Ao perguntar qual era o dia mais próximo do último “x” que ele fez, identificou.

Nesse encontro, levei como proposta a obra **Composição**, com colagem de diferentes materiais para representá-la: palitos, EVA, feltro e sisal (figura 6). Marcelo fez o molde e recorte do EVA e sisal, porém, precisou de ajuda com o feltro.

Na montagem, estava bastante atento, não teve dificuldade em alinhar os palitos no tamanho adequado à imagem, mas precisou de minha ajuda para perceber o limite entre os palitos para colar os elementos. Sempre intervi com perguntas que focassem a sua atenção à obra original.



Figura 6. Releitura da obra **Composição**, de Tarsila do Amaral, com colagem sobre palito feita por Marcelo.

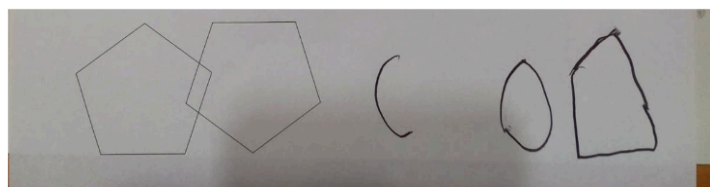
Em nosso último encontro antes da avaliação final, Marcelo apresentava um quadro gripal, mas não queria deixar de fazer o encontro. Apesar de motivado, demonstrava pouca disposição física para realizar alguma atividade. Dessa forma, a proposta foi conversarmos sobre todos os trabalhos feitos (figura 7) e perguntei se ele lembrava do processo de cada trabalho. E ele lembrou da maior parte.



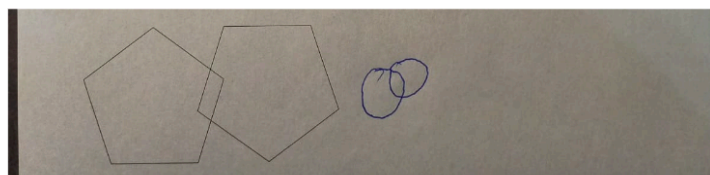
Figura 7. Trabalhos realizados por Marcelo a partir das obras de Tarsila do Amaral.

Na avaliação final, foram aplicadas as mesmas atividades propostas no encontro inicial: o MEEM e a atividade de observação e pintura da obra de Mondrian.

Marcelo não havia respondido às questões referentes à orientação temporal do MEEM (mês, dia da semana e dia do mês) em nossa avaliação inicial. Em nosso último encontro, deu uma resposta aproximada, esclarecendo a sua estratégia. Estávamos no dia 8 de julho e ele respondeu que estávamos em 10 de junho porque teve festa junina. Ele disse que era sexta-feira porque é o dia que eu ia encontrá-lo, porém, nesta semana excepcionalmente, fui encontrá-lo na quarta. Esses dados demonstram que Marcelo tem buscado fazer associações e relações para se lembrar, o que, segundo WILSON (2011) é uma estratégia que ajuda a memória. No mesmo teste, na avaliação da memória evocada, alterou a resposta: de nenhuma palavra lembrada para 2 das 3 indicadas. A construção do desenho também apresentou alteração na habilidade visuo-perceptiva e visuo-construtiva, observando imagens que se interconectam como demonstra a figura 8.



Avaliação Inicial



Avaliação Final

Figura 8. Comparativo na construção de imagem (atividade que consta no MEEM).

Análise dos encontros

Já na avaliação inicial, Marcelo demonstrou disposição para os encontros. Percebi, no decorrer dos encontros, que Marcelo fazia uma atividade já pensando nas próximas e esse fator impactava na sustentação de sua atenção, pois, assim como relata Tanaka (2018), se não selecionamos os diversos estímulos perceptivos (atenção seletiva) que nos são apresentados, acabamos tendo uma grande quantidade de informações que nos desorganiza e impossibilita a realização organizada de qualquer atividade. “A atenção sustentada refere-se à manutenção da atenção seletiva sobre determinado estímulo ou objeto, permitindo a execução das tarefas específicas e obtenção de objetivos fixados.” (TANAKA, 2018, p. 64).

Para auxiliar no foco, a estrutura dos encontros começou a ser informada no início de cada dia para que ele soubesse exatamente tudo como seria. Dessa forma, quando ele solicitava algo fora da estrutura, era possível reforçar o que havíamos combinado para voltar a sua atenção.

Trabalhando a temporalidade através da repetição da leitura do calendário, pude observar que Marcelo foi precisando cada vez menos da minha intervenção, chegando à resolução em tempo cada vez menor, apesar de ainda apresentar dificuldade. Dessa forma, avalio que ele possui habilidade de aprendizado quando a intervenção é realizada sistematicamente, possibilitando o aumento da confiança, do nível de elaboração e domínio das dificuldades (REILY, 1986).

Durante o processo, pude também observar que Marcelo compreendia as orientações e as etapas propostas, mas apresentava dificuldade em sua execução, tanto nas atividades realizadas durante os encontros, demonstrando possível prejuízo na memória de trabalho (armazenamento das informações enquanto realiza uma determinada tarefa), quanto na atividade diária de marcação dos dias no calendário (apresentando possível prejuízo na memória prospectiva). Em ambas as situações, mesmo sabendo o que era preciso ser feito e as respectivas etapas das tarefas, apresentou dificuldade em realizá-las sem que tivesse uma dica.

A memória prospectiva é definida como a capacidade de recordar uma ação que se pretende realizar no futuro (intenção), num determinado momento ou local específico, sem nenhuma instrução permanente que nos recorde a realização da ação. (EINSTEIN & MCDANIEL, 2014, p. 189)

Para Marcelo, a memória da tarefa do calendário era somente (re)ativada na minha presença, assim como lembrar da estratégia para identificar o dia que estávamos também necessitava da minha intervenção.

Ao perceber que, mesmo indisposto, mantinha-se motivado a realizar as tarefas, pude observar que a falta de atenção sustentada também poderia estar relacionada a uma ausência de descanso dos estímulos, pois havia uma necessidade de estar sempre em função de alguma atividade. Fazer muitas coisas de uma vez, não fazer intervalos regulares, não manter o foco, entre outros aspectos, prejudicam a memória (WILSON, 2011). As pausas que começamos a fazer durante os encontros para descansar apontaram uma melhora no desempenho, mesmo que durasse pouco tempo. Também observei essa alteração no desempenho e disposição ao começar a oferecer atividades que utilizavam materiais do seu cotidiano. As atividades começaram a ter uma sequência mais estruturada e um sentido de realização, influenciando, assim, na sua motivação em realizá-las.

Com a avaliação final, mesmo em um curto espaço de tempo de trabalho, pude observar melhora na atenção, o que ocasionou melhora nas habilidades temporal,

visuo-construtiva, visuo-perceptiva e de memória. A figura 9 traz o comparativo da atividade de observação e pintura da obra de Mondrian nas avaliações iniciais e finais. Observamos que a reprodução final apresenta maior fidedignidade com a obra original, demonstrando melhora na atenção, no rastreo visual e na habilidade visuo-perceptiva.



Figura 9. Comparativo da atividade de observação e pintura da obra de Mondrian (avaliação inicial e avaliação final).

Os ajustamentos de medicação ocorreram durante todo o processo, o que avalio poder ter influenciado no seu comportamento e desempenho durante as atividades.

Considerações finais

A observação cuidadosa das obras de Tarsila do Amaral e o fazer artístico foram fundamentais para estimular a atenção e, conseqüentemente, auxiliar na manutenção de outras funções, tal como a memória. É importante destacar que oferecer alternativas mediadas por outra pessoa pode contribuir para o desenvolvimento das áreas potenciais da pessoa com deficiência intelectual (TRANCOSO, 2020), pois buscam auxiliar na organização e realização de propostas focadas nas questões que demandam atenção. Tais alternativas devem levar em consideração a totalidade da pessoa atendida. Trazer repetidamente a leitura atenta do calendário através das imagens nele representadas buscando memorizar a estratégia de identificação dos dias também foi importante para que Marcelo pudesse trabalhar o raciocínio.

Segundo Barbosa, Jardim e Santos (2020, p. 261), “a atenção é um fenômeno complexo, não unitário, cujos limites se interseccionam com a percepção, memória, motivação, afeto e nível de consciência dentre outros”, sendo essencial para o funcionamento cognitivo. Em vigília, recebemos diversos sinais sensoriais do meio e do

próprio corpo. São as percepções dos sentidos que despertam a atenção para que ela, ainda segundo as autoras, possa codificar as entradas sensoriais e armazenar essas informações na memória.

Há fatores que precisariam ser melhor avaliados por diferentes profissionais para compreender os prejuízos cognitivos e as alterações de comportamento que Marcelo começou a apresentar. Pensando em alguns fatores que podem estar relacionados, cito o isolamento social intensificado pela pandemia (que tem afetado a saúde mental de grande parte da população), e o próprio processo de envelhecimento cujas perdas cognitivas são naturais e que, em pessoas com deficiência intelectual, podem se manifestar a partir dos 40 anos. Por meio dessa avaliação mais cuidadosa, um programa de intervenção individualizado e multidisciplinar seria o tratamento adequado.

A reabilitação cognitiva tem dois objetivos: restauração funcional – reforçamento e fortalecimento de padrões de comportamento cognitivo aprendidos; e *medidas compensatórias* – aprendizado de novos padrões que permitam ao paciente lidar com as disfunções persistentes. (SANTOS, 2004, p. 41)

É importante que os objetivos sejam realistas e potencialmente alcançáveis considerando o período e recursos disponíveis e que permita que a pessoa atendida fique confortável e sinta-se também responsável por eles (WILSON, 2011). Com um objetivo estabelecido, buscando sistemas de apoio eficazes e direcionando a prática profissional para os comportamentos funcionais da pessoa com deficiência intelectual (TRANCOSO, 2020), a Arte-reabilitação tem uma forte contribuição no processo dentro da equipe multi e interdisciplinar de atendimento, pois, como nos diz Francisquetti (2016), busca criar um programa de estimulação afetiva e cognitiva e elementos de motivação utilizando diversas linguagens artísticas.

É importante notar que todo processo criativo caracteriza-se por processos mentais específicos, tais como: análise, abstração, habilidades de redefinir e rearranjar, flexibilidade, eficiência, coerência de organização espacial, originalidade e síntese. (FRANCISQUETTI, 2016, p. 34)

Levando em consideração as habilidades e os interesses de Marcelo e o breve período que tínhamos de trabalho, o foco das sessões foram intervenções mais diretivas objetivando o exercício de sua atenção e memória. Vale ressaltar que atividades livres intercaladas durante o processo têm grande importância para potencializar o protagonismo, a motivação, a criatividade e a autoestima das pessoas atendidas. Pude oportunizar algumas atividades para Marcelo fazer em casa, deixando as obras de Tarsila do Amaral como inspiração para livre expressão. Estas atividades não fizeram parte deste texto por entender que não houve acompanhamento no processo de criação, porém Marcelo demonstrava muita satisfação em recebê-las.

Com este artigo, espero contribuir para a reflexão das possibilidades de intervenção em Arte-reabilitação e da sua potencialidade em tratamentos que envolvam prejuízos cognitivos.

Data de recebimento: 31.03.2023

Data primeiro aceite: 04.02.2024

Data segundo aceite: 27.04.2024

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE DEFICIÊNCIAS INTELECTUAIS E DE DESENVOLVIMENTO (AAIDD). Disponível em: <<https://www.aaidd.org/intellectual-disability/faqs-on-intellectual-disability>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ANAUATE, M. C. A arteterapia na intervenção neuropsicológica das demências frontotemporais. *In*: ALVARES F. Q. L.; WILSON B. (orgs). **Reabilitação neuropsicológica dos transtornos psiquiátricos**: da teoria à prática. Belo Horizonte: Artesão Editora, 2020.

BARBOSA, J. S.; JARDIM M. L.; SANTOS M. F. R. Neuropsicologia da atenção: da avaliação à estimulação. *In*: **Revista Transformar**, Itaperuna, v. 14, n. 2, p. 258-271. Ago./Dez.2020. Disponível em: <<http://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/article/view/494>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

COELHO, T. P. C.; BARROCO, S. M. S.; SIERRA, M. A. O conceito de compensação em L.S.Vygotsky e suas implicações para educação de pessoas cegas. *In*: X CONPE – Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 2011, Maringá – PR. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://doczz.com.br/doc/625515/o-conceito-de-compensa%C3%A7%C3%A3o-em-l.s.vigotski-e-suas>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

FIGUEIRA, E. **A Pessoa com Deficiência Dialogando com a Arte** – Dos fatos históricos à educação escolar, rumo ao mercado de trabalho. São Paulo: Edição do Autor/AgBook, 2021.

FONSECA, R. P.; SGANZERLA G. C.; ENÉAS L. V. Fechamento das escolas na pandemia de COVID-19: impacto socioemocional, cognitivo e de aprendizagem. *In*: **Debates em Psiquiatria**. Rio de Janeiro - RJ, nº 4, vol. 10, p. 28-37. 2020. Disponível em <<https://revistardp.org.br/revista/article/view/23/14>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

FRANCISQUETTI, A. A. A arte em um centro de reabilitação. *In*: **Psicologia: Ciência e Profissão**, Volume 12 Nº 1, Porto Alegre: CFP, 1992. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/b8GwN586KPGD5GKcq36HWXm/?lang=pt>>. Acesso em: 11 ago. 2022.

_____. (org.). Arte-Reabilitação: um caminho inovador na área da arteterapia. *In*: FRANCISQUETTI A. A. **Arte-Reabilitação**: um caminho inovador na área da arteterapia. Rio de Janeiro: Wak; 2016.

LIMA, R. F. Compreendendo os Mecanismos Atencionais. *In: Ciências e Cognição*. vol. 6, n° 1, Rio de Janeiro – RJ, nov. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212005000300013#:~:text=Outra%20subdivis%C3%A3o%20da%20aten%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9,que%20subsidi%C3%A1%20o%20mecanismo%20atencional>. Acesso em: 11 ago. 2022.

MATOS, P.; ALBUQUERQUE, P. B. Modelos Explicativos da Memória Prospectiva: Uma Revisão Teórica. *In: Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 30, n° 2, p. 189-196. Brasília, Abril-Junho 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/dPF3SNn9m5hcG8RX6yYwVDq/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

RACY, I. S. **Arteterapia e desenvolvimento pessoal: um estudo qualitativo com pessoas com deficiência intelectual**. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Arteterapia) Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.sophia.com.br/5876/>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

REILY, L. H. **Atividades de Artes Plásticas na Escola**. São Paulo, SP: Pioneira, 1986.

SANTOS, F. H. Sistemas de memória: funcionamento típico, atípico e reabilitação. *In: CLEMENTE FILHO, Antonio S; GROTH, S. M. (orgs.). Envelhecimento e Deficiência Intelectual - uma Emergência Silenciosa*. São Paulo: Instituto Apae, 2004.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

TANAKA, P. J. Atenção: reflexão sobre tipologias, desenvolvimento e seus estados patológicos sob o olhar psicopedagógico. *In: Construção Psicopedagógica*. v. 16, n° 13, p. 62-76. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542008000100004>. Acesso em: 19 ago. 2022.

TRANCOSO, B. S. **Deficiência Intelectual – da eliminação à inclusão**. Curitiba: Editora Intersaberes, 2020.

WILSON, B. A reabilitação neuropsicológica e os modelos complementares. *In: ALVARES F. Q. L.; WILSON B. (orgs.) Reabilitação neuropsicológica dos transtornos psiquiátricos: da teoria à prática*. Belo Horizonte: Artesão Editora, 2020.

WILSON, B. **Reabilitação da Memória: Integrando Teoria e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2011.